

A natureza contém o *imprimatur Dei* (Rm 1,19-20)

The nature contains the imprimatur Dei (Rom 1:19-20)

Waldecir Gonzaga

Marco Antonio Cardoso da Silva

Resumo

O presente artigo reflete sobre a temática do cuidado com a casa comum à luz da perícope de Rm 1,19-20. Busca-se dialogar com a tradição dos povos originários da Amazônia e os desafios atuais. A Carta aos Romanos aborda os principais temas teológicos do *epistolário paulino*, sendo comumente aceita como uma das mais importantes cartas do apóstolo Paulo, considerada protopaulina. Partindo da reflexão paulina, vislumbra-se a importância da urgente conversão ecológica promovida pelo Papa Francisco, especialmente na Encíclica *Laudato Si'*, para superar toda a visão tecnocrata, utilitarista e consumista em virtude do caráter divino da criação. A Ecologia Integral tem suas raízes e fontes na belíssima teologia da criação e proporciona navegar pelos rios e lagos da Amazônia, a partir de uma ecoteologia libertadora, superando a crise socioambiental em que o Planeta se encontra. Neste sentido, o presente artigo oferece o texto bíblico em sua língua original e tradução, nota de crítica textual, bem como comentários bíblico-teológicos aos dois versículos da perícope de Rm 1,19-20. Em seguida, apresenta-se algumas das causas da crise e suas consequências e ainda, uma visão panorâmica dos sujeitos que operam na vasta rede de apoio à Região Panamazônica, redes eclesiais, governamentais e organismos diversos da sociedade civil que tem apoiado às comunidades dos povos originários e ribeirinhos na defesa do bioma, com sua fauna e flora. Enfim, o presente artigo reveste-se de uma especial atualidade pelo fato de que em novembro de 2025, na Amazônia, em uma de suas grandes capitais, Belém do Pará estará hospedando a COP30.

Palavras-chave: Paulo. Romanos. Criação. Teologia. *Imprimatur Dei*. Amazônia.

Abstract

This study reflects on the theme of caring for our common home in light of the passage from Rom 1:19-20. It seeks to engage in dialogue with the tradition of the indigenous peoples of the Amazon and the challenges they face today. The Letter to the Romans addresses the main theological themes of the Pauline epistolary and is commonly accepted as one of the most important letters of the Apostle Paul, considered to be protopauline. Starting from Paul's reflection, we glimpse the importance of the urgent ecological conversion promoted by Pope Francis, especially in the Encyclical *Laudato Si'*, to overcome the technocratic, utilitarian, and consumerist vision in light of the divine character of creation. Integral Ecology has its roots and sources in the beautiful theology of creation and allows us to navigate the rivers and lakes of the Amazon, based on a liberating ecotheology, overcoming the socio-environmental crisis in which the planet finds itself. In this sense, this article offers the biblical text in its original language and translation, textual criticism notes, as well as biblical-theological commentary on the two verses of the pericope of Rom 1:19-20. Next, some of the causes of the crisis and its consequences are presented, as well as an overview of the actors operating in the vast network of support for the Pan-Amazonian Region, including ecclesial and governmental networks and various civil society organizations that have supported indigenous and riverine communities in defending the biome, with its fauna and flora. Finally, this article is particularly relevant given that in November 2025, one of the major capitals of the Amazon, Belém do Pará, will host COP30.

Keywords: Paul. Romans. Creation. Theology. *Imprimatur Dei*. Amazon.

Introdução

A Carta aos Romanos faz parte dos escritos considerados protopaulinos¹. E a perícope de Rm 1,19-20 apresenta uma mensagem de grande importância, em especial na atual conjuntura mundial. Neste texto bíblico, o “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 2Tm 2,7) traz à tona a bondade e a misericórdia de Deus que, deliberadamente, quis tornar-se conhecido, através da obra da sua criação, a casa comum.

Inserida dentro de um quadro maior, em que o objetivo inicial é a reflexão sobre as graves consequências do pecado da idolatria e das perversões ético-morais, na perícope de Rm 1,19-20, Paulo chama a atenção do leitor para a ação de Deus que,

¹ GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, p. 19-41; GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 406-407; GONZAGA, W., *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*, p. 41-60.

diferente da infidelidade das escolhas humanas, continua sendo fiel e não abandona seu projeto primordial que é vida e salvação de todos e de toda a obra da criação. Diante disso, procura-se explorar, a partir desta perícopes, a reflexão cada vez mais urgente e necessária sobre os cuidados com a casa comum e lançar um contínuo olhar de esperança sobre muitos agentes neste trabalho em Rede², que são chamados a serem cada vez mais protagonistas, na vasta região panamazônica, na construção de uma terra sem males.

Atualmente, a humanidade parece assistir atônita, ou pior ainda, alienada e entorpecida, o desenrolar de uma nova e generalizada crise econômica, política, social e ambiental, inclusive piorada pelo consumo do conteúdo de *Fake News* veiculado nas redes sociais. A atual crise socioambiental recebeu uma especial e profunda atenção e reflexão do Papa Francisco, que muito defendeu e trabalhou por uma Ecologia Integral.

Neste ano de 2025, a Encíclica *Laudato Si'* completa 10 anos de sua publicação (24/05/2015), e por ocasião do aniversário do seu oitavo ano, o Papa Francisco escreveu a Encíclica *Laudate Deum*, constatando, infelizmente, que pouco ou quase nada foi realizado para uma real e verdadeira mudança no já tão grave quadro de crise socioambiental, com alguns sinais de irreversibilidade se a mudança de estilo de vida não acontecer rapidamente, com intervenções sobre o atual comportamento individual e coletivo da humanidade, sobretudo nos e dos países mais ricos do mundo. O Pontífice esclarece que o tema não pode ser tratado como uma questão ideológica ou secundária, mas sim de um drama que traz danos para todos, afetando profundamente a casa comum.

1. Segmentação e tradução de Rm 1,19-20

O texto de Rm 1,19-20 conta com um vocabulário muito especial e rico no que tange ao tema da Teologia da Criação. Paulo afirma que a humanidade pode contar com a ação livre de Deus, que quis se manifestar para lhes revelar seu plano de amor e libertação. Ao constatar que homens e mulheres estão sob a permanente condição de pecadores e, conseqüentemente, submetidos à ira divina, “o apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 2Tm 2,7) declara que Deus se revela às suas criaturas através da obra da Criação. Para Paulo, cabe à humanidade reconhecer e praticar, com humildade e gratidão, o cuidado divino expresso pela criação do universo, de modo particular, pelo planeta, a casa comum.

² GONZAGA, W.; SANTOS, M. I. L., As redes eclesiais como sinais de esperança para a Igreja na América Latina à luz de 1Pd 1,3-5, p. 5-50.

διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς,	v.19a	Pois o conhecível de Deus é manifesto entre eles,
ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφανερώσεν.	v.19b	pois Deus a eles se manifestou;
τὰ γὰρ ἀόρατα αὐτοῦ ἀπὸ κτίσεως κόσμου τοῖς ποιήμασιν νοούμενα καθορᾶται,	v. 20a	porque seus (atributos) invisíveis, desde a criação do mundo, são percebidos pelas coisas criadas,
ἢ τε αἰῶνος αὐτοῦ δύναμις καὶ θεϊότης, εἰς τὸ εἶναι αὐτοῦς ἀναπολογήτους,	v.20b	Tanto seu eterno poder quanto a divindade, sendo eles, assim, indesculpáveis.

Fonte: texto grego da NA28; tradução e tabela do autor/es.

2. Notas de tradução e de crítica textual

Conforme a Introdução da NA28³, os manuscritos mencionados de forma consistente, segundo a introdução da NA28, para a Carta aos Romanos são os papiros Ϝ¹⁰, Ϝ²⁶, Ϝ²⁷, Ϝ³¹, Ϝ⁴⁰, Ϝ⁴⁶, Ϝ⁶¹, Ϝ⁹⁴, Ϝ⁹⁹, Ϝ¹¹³, Ϝ¹¹⁸; os unciais Ν (01) *Codex Sinaiticus*, Α (02) *Codex Alexandrinus*, Β (03) *Codex Vaticanus*, C (04) *Codex Ephraemi Syri rescriptus*, D (06) *Codex Bezae Cantabrigiensis*, F (010) *Codex Augiensis*, G (012) *Codex Boernirianus*, K (018) *Codex Mosquensis*, L (020) *Codex Angelicus*, P (025) *Codex Porfirianus*, Ψ (044) *Codex Athous Lavrensis*, 048, 0172, 0209, 0219, 0220, 0221, 0278, 0285, 0289; e os minúsculos e lecionários 33, 81, 104, 365, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881, 2464, l 249, l 846.

A perícope de Rm 1,19-20 conta com apenas um problema de crítica textual, no v.20b, com um sinal diacrítico (°) indicando que o maiúsculo L e o minúsculo 1506*, um texto original que sofreu correções, omitem o termo “αἰῶνος/eterno”. Porém, tratam-se de testemunhos isolados e de menor valor, visto que “as obras são pesadas e não contadas”⁴. O texto da NA28 se baseia em todos os demais manuscritos, os quais trazem o termo “αἰῶνος/eterno”. Diante disso, concorda-se com a manutenção do termo no texto, seguindo o comitê central da NA28. Ademais, sua presença ou ausência não alteraria a teologia do texto. O que os manuscritos L e 1506* podem ter tido como critério para a omissão pode ter sido deixar os dois termos (δύναμις καὶ θεϊότης) sem qualificá-los, indicando apenas o poder e a divindade de Deus, sem entrar na questão de serem eternos ou não.

³ NESTLE-ALAND., *Novum Testamentum Graece*, Ed. XXVIII, p. 63.

⁴ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, p. 222.

3. Análise de Rm 1,19-20

A Carta aos Romanos, com seus 16 capítulos, configura-se como a mais longa entre as cartas paulinas⁵, seguida pela 1 Coríntios. De acordo com Perrot, “a epístola foi escrita na Grécia, muito provavelmente em Corinto, por ocasião dos ‘três meses’ de estada de Paulo nessa cidade de que fala o autor dos Atos (20,2)”⁶. No que concerne à estrutura do texto, Gonzaga afirma que “esta carta tem um esquema bastante rigoroso e bem construído, com suas duas partes bem distintas: a) uma parte doutrinal, em Rm 1-11, na qual Paulo trata da questão da justificação pela fé; b) e uma parte exortativa, Rm 12-15, com a sua conclusão em Rm 16”⁷.

Ainda que se possa afirmar que os temas relacionados à crise ambiental e ecológica não encontram referências nos escritos paulinos, por pertencerem à temas hodiernos, isso não significa que não se possa encontrar nenhuma relação com a temática. Ao contrário, os textos de Paulo apresentam singular importância a respeito desse importante tema. Especialmente, porque em seus textos estão subjacentes duas questões teológicas profundamente relacionadas com a crise ambiental: “1) uma delas tem caráter *cosmológico* e diz respeito ao que ele acredita sobre o mundo; 2) a outra tem caráter *antropológico* e está relacionada ao que ele acredita sobre o próprio homem”⁸.

A pericope de Rm 1,19-20 está diretamente relacionada ao versículo anterior (v.18), no qual Paulo apresenta o tema da “*ὀργὴ Θεοῦ/ira de Deus*”. Conforme Bruce, ao se pensar

que a palavra “ira” não é muito apropriada para usar-se com relação a Deus, é provavelmente porque a ira, como a conhecemos na vida humana, constantemente envolve paixão egocêntrica, pecaminosa. Com Deus não é assim. Sua “ira” é a reação da santidade divina face a impiedade e rebelião⁹.

Nessa seção, o objetivo do apóstolo é esclarecer que toda a humanidade, sem exceção, em razão de suprimir a verdade (v.18) está submetida às consequências desse ato. A intenção é esclarecer que a ira de Deus não é “gratuita” ou fruto de mera vaidade divina, mas ao contrário, está relacionada diretamente com o “imperfeito conhecimento de Deus”¹⁰ e sua distorção que gera idolatria e perversões ético-morais. Para Crisóstomo, Paulo não se omite, mas adverte aos homens, realçando que são “muitos os caminhos da impiedade, enquanto o da verdade é um só. Com efeito, o erro é vário, multiforme e

⁵ BRAY, G., Romanos, p. 25.

⁶ PERROT, C., Epístola aos Romanos, p. 22; confira também POHL, A., Carta aos Romanos, p. 20.

⁷ GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato si’ e Rm 8,22, p. 115.

⁸ GONZAGA, W.; WUST, D. A., O ser humano como esperança da criação, p. 566.

⁹ BRUCE, F. F., Romanos, p. 69.

¹⁰ PENNA, R., Carta a los Romanos, p. 168.

confuso; a verdade, porém, é uma só. Tendo falado dos dogmas, trata igualmente da vida, lembrando a injustiça dos homens”¹¹.

v.19a: “διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς/*Pois o conhecível de Deus é manifesto entre eles*”. Citando Paulo, no texto de Rm 1,18, Sproul levanta um questionamento e procura uma possível resposta:

Que verdade está sendo suprimida? Paulo nos diz: porquanto, o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou (v.19). A verdade que todo ser humano suprime é a verdade de Deus, o que Deus revela de si mesmo na natureza para toda raça humana¹².

O argumento inicial do autor parte não da redução de um conhecimento natural ou mera aceitação de uma realidade imposta sobre a existência de Deus, mas ao contrário, Paulo propõe aos leitores um conhecimento maior, referente à ação primeira de Deus que se revela e se deixa conhecer. O apóstolo bebe da fonte veterotestamentária (Sb 13,1-6, Sl 18,2; Eclo 42,15-25; Jó 12,7-9)¹³ atestando a soberania e a grandeza de Deus presente nas obras da sua criação.

Schreiner, por sua vez, afirma que: “O propósito de Paulo é mostrar que o conhecimento de Deus, que todas as pessoas têm por meio da observação da ordem criada, é suprimido (v.18) e distorcido (vv.21-23) de modo que, sem exceções, não há desculpas (v.20)”¹⁴. Segundo Dunn, “também está claro que alguma forma de teologia natural está vista aqui. A afirmação está mais ou menos explícita nos versículos 19-20”¹⁵. E, de acordo com Denzinger-Hünemann¹⁶: “A mesma santa mãe Igreja sustenta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, a partir das coisas criadas”. Na Carta Encíclica *Laudato Si*, afirma-se: “Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus”¹⁷, e ainda: “O conjunto do universo, com as suas múltiplas relações, mostra melhor a riqueza inesgotável de Deus. São Tomás de Aquino sublinhava, sabiamente, que a multiplicidade e a variedade ‘provêm da intenção do primeiro agente’, o Qual quis que ‘o que falta a cada coisa, para

¹¹ CRISÓSTOMO, J., Comentário às cartas de São Paulo, p. 69.

¹² SPROUL, R. C., Estudos bíblicos expositivos em Romanos, p. 33; confira também SANTAMARÍA, X. A., Carta a los Romanos, p. 80.

¹³ GONZAGA, W.; RAMOS, D. S.; CARVALHO SILVA, Y. A., O uso de citações, alusões e ecos do Antigo Testamento na Epístola de Paulo aos Romanos, p. 9-31.

¹⁴ SCHREINER, T. R., O comentário de Romanos, p. 143.

¹⁵ DUNN, J. D. G., Comentário à carta de Paulo aos Romanos 1-8, p. 81.

¹⁶ DH 3004.

¹⁷ LS 84.

representar a bondade divina, seja suprido pelas outras’, pois a sua bondade ‘não pode ser convenientemente representada por uma só criatura’. Por isso, precisamos de individuar a variedade das coisas nas suas múltiplas relações”.¹⁸

v.19b: “ὁ θεὸς γὰρ ἑαυτοῦ ἐφανερώσεν/*pois Deus a eles se manifestou*”. Em primeira ordem, “τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ/*o conhecível de Deus*” (v.19a) trata da livre iniciativa do próprio Deus em desejar ser conhecido, mesmo que não em sua totalidade e plenitude; por isso, “ἐφανερώσεν/*manifesta-se*” e se dá a conhecer (v.19).

Deus, origem e criador de todas as coisas, em sua infinita sabedoria, continua agindo em sua criação. Ao capacitar o ser humano, enriquecendo-o com a razão, inteligência, emoções, sensibilidade e tantos outros dons, proporciona-lhe as competências necessárias, para que, em todas as eras, tempos, etnias e nações¹⁹, ao lançar seu olhar em volta do mundo criado, alcance através dessas mesmas competências, o conhecimento divino.

Todo ser humano, deixando-se questionar a respeito da realidade criada e dirigindo sua reflexão para a imensidão do cosmos, naturalmente salta à sua consciência as mais básicas e originárias questões: Qual a origem de todas as coisas? Por que existe algo ao invés do nada? Por que eu existo? Agostinho, Padre da Igreja e bispo de Hipona, em sua magnífica obra, “As confissões”, afirma: “fizeste-nos para ti e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”²⁰. Indiscutivelmente, a dimensão ontológica, situa a humanidade em busca da razão do ser e do sentido da realidade ao seu redor, de modo que, para que em seu auxílio, Deus realize um movimento convergente, vindo ao seu encontro, inicialmente, revelando-se através da natureza.

Assim, também ensina a Igreja: “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser”²¹. Compete a todo homem e a toda mulher, o não fechamento à dimensão transcendente, mas ao contrário, sua constante abertura e disposição para sua plenitude e salvação. Segundo Barth, “a mente não convenientemente aberta orienta-se naturalmente, para as coisas materiais e o coração não contrito, não sentindo nas obras manifestas a visão final da natureza espiritual de Deus, entrega-se ao domínio do pensamento materializado”²².

v.20a: “τὰ γὰρ ἄορατα αὐτοῦ ἀπὸ κτίσεως κόσμου τοῖς ποιήμασιν νοούμενα καθορᾶται/*porque seus (atributos) invisíveis desde a criação do mundo, pelas coisas*

¹⁸ LS 86.

¹⁹ PRATER, R. C., Romanos, p. 54.

²⁰ AGOSTINHO, S., Confissões, p. 19.

²¹ GS 16.

²² BARTH, K., Cartas aos Romanos, p. 57.

criadas são percebidos”. Iniciando o v.20 com o uso do “*γὰρ/porque, pois...*”, Paulo indica a continuidade e manutenção do forte raciocínio sobre “o conhecimento de Deus”, inaugurado no v.19. Agora, o apóstolo argumenta a respeito do como Deus realiza essa revelação²³. Hendriksen destaca “o oxímoro, ou paradoxo”²⁴, presente nos termos *ἀόρατα ... καθορᾶται*, um recurso literário, no sentido de expressar a ideia de algo invisível (seus atributos) ser claramente visto. O propósito é criar um efeito retórico, com intuito de afirmar algo que é aparentemente contraditório. Deus é espírito e invisível ao homem (Ex 33,20; Dt 4,12; Eclo 43,31; Cl 1,15-16; 1Tm 1,17), mas ele mesmo lhe revela dois atributos para alcançar conhecimento sobre si: “sua onipotência, definido aqui como eterno poder, e sua existência expressada como divindade”²⁵. Tanto seu eterno poder quanto sua divindade são conhecidos na obra da criação (Sl 18,2; Is 40,26; Sb 11,24; Jô 12, 7-9).

Dessa forma Paulo reforça a compreensão de que pela observação do mundo criado todo ser humano é capaz de alcançar o conhecimento de Deus, por ele proporcionado. “Ao contemplar o mundo criado e refletir sobre ele, o ser humano percebe, através de sua fachada multicolorida, o grande ‘Não Visto’ que está por trás dele – a onipotência e o caráter divino de seu criador”²⁶. Não se trata, portanto, de nenhum fenômeno extraordinário, nebuloso ou enigmático, nem tampouco exigiria um grande esforço intelectual, restrito apenas a alguns sábios e iniciados, mas, ao contrário, para o apóstolo o conhecimento de Deus é acessível para todas as pessoas, uma vez que ele próprio, através de seus atributos, dá-se a conhecer. Barbaglio realça que: “A obra revela seu artifice. A inteligência, partindo do mundo, chega à sua causa. A eterna força e majestade divina, de si invisíveis, tornam-se perfeitamente visíveis aos olhos da mente”²⁷.

Dias Lopes, citando Murray, afirma “que as obras visíveis da criação de Deus manifestam suas perfeições invisíveis. Deus deixou sobre sua obra criada as ‘impressões digitais’ de sua glória, que se torna manifesta a todos”²⁸. O fluxo e refluxo das marés, o movimento das cheias e vazantes dos rios amazônicos, a constante elíptica do movimento dos planetas, a mais insignificante das criaturas e tudo que existe, desde a criação do cosmos, revelam a existência de Deus.

Segundo Pérez Millos, nossa casa comum converte-se em “um grande *poema* determinado para a revelação de Deus, tal é o significado da raiz do substantivo que se traduz como obra” (ποίημα); e ainda: “A criação é o grande poema que Deus escreveu,

²³ MOO, D. J., Romanos, p. 133.

²⁴ HENDRIKSEN, W., Romanos, p. 92; confira também CRANFIELD, C. E. B., Carta aos Romanos, p. 92.

²⁵ PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 124.

²⁶ FITZMYER, J. A., A carta aos Romanos, p. 525.

²⁷ BARBAGLIO, G., Cartas de Paulo II, p. 153; confira também MAZZAROLO, I., Carta de Paulo aos Romanos, p. 39.

²⁸ LOPES, H. D., Romanos, p. 81.

através do qual ele manifesta, em uma revelação natural e, portanto, elementar, sua eternidade e poder”²⁹.

No final do v.20b, lê-se: “εἰς τὸ εἶναι αὐτοὺς ἀναπολογήτους/*sendo eles, assim, indesculpáveis*”. Assim, para o autor da Carta aos Romanos, todas as pessoas tornam-se inescusáveis, uma vez que a todos foram dadas as possibilidades, através das obras da criação, de poder alcançar o conhecimento do Criador. Segundo Wilckens, os homens “conhecem a Deus, mas contradizem esse conhecimento em seu comportamento enquanto não glorificam a Deus”³⁰.

4. A crise climática e as desigualdades socioambientais

Inegavelmente estamos vivenciando uma grave e profunda crise climática. O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) é um órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas e centros de estudos de todo o mundo. Os dados atualizados apontam para um crescimento cada vez mais acelerado do aquecimento global, apontando para as suas causas e alertando para as graves consequências.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Laudate Deum*, indica a estreita relação entre as mudanças climáticas atuais com as ações humanas, em especial, o ritmo gradativamente mais acelerado e progressivamente mais desenfreado da produção industrial, iniciada desde o século XVIII até os nossos dias³¹. Em aproximadamente dois séculos os avanços científicos e tecnológicos, superam grande parte do conhecimento humano até então produzido.

O Pontífice indica alguns dados que merecem total atenção. Inicialmente, ele apresenta a informação referente a concentração dos gases do efeito estufa que se concentram na atmosfera e são os responsáveis pelo aquecimento global. “Mantendo-se instável até o século XIX, ficando abaixo das 300 partes por milhão em volume [...]”, essa realidade começa a sofrer alteração, “[...]em meados desse mesmo século, em paralelo com o progresso industrial”. Gradualmente, “[...] nos últimos 50 anos”, esse número chega a alcançar a “máxima histórica de 400 partes por milhão, e em junho de 2023, a 423 partes por milhão. Considerando o total líquido das emissões desde 1850, mais de 42% delas ocorreu depois de 1990”³².

²⁹ PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 124.

³⁰ WILCKENS, U., La carta a los Romanos Rom 1-5, p. 137.

³¹ LD 13.

³² LD 11.

Em consequência, os números relacionados ao aquecimento global também sofreram modificações. Seguindo o mesmo período “de 1850 até hoje, a temperatura global aumentou 1,1 graus centígrados [...]” por decênio, indicando “[...] o dobro dos registrados nos últimos 150 anos”³³. As consequências dessas alterações já são sentidas por todos, como o derretimento das geleiras, o aumento do nível dos oceanos e muitos outros danos.

A “casa comum que sofre, geme e chora”³⁴ é comparada a uma parturiente, porém, não prestes a alegrar-se, pois vai gerar vida nova e concluir o ciclo natural da gestação; mas ao contrário, como afirma Gonzaga, “mas que ela está sofrendo muito com o que lhe está acontecendo neste momento, consequência das escolhas humanas”³⁵, que irão afetar a todos, para o bem ou para o mal, uma vez que não estamos isolados e nem encapsulados em bolhas herméticas independentes, mas fazemos parte de um todo maior. Na casa comum, tudo e todos estão interligados e conectados, em profundo vínculo de mutualidade, cooperação e reciprocidade. “A ecologia ensina que a casa não pode ser compreendida de maneira fragmentada e compartimentada. Ao contrário, deve ser contemplada e vivida dentro de uma visão sistêmica”³⁶. A consciência holística e cosmológica fundamenta a compreensão de que o planeta como casa (*oikos*) é também uma aldeia, e por isso novas relações devem ser estabelecidas.

A sistemática exploração dos recursos naturais e minerais, o uso intermitente de fertilizantes químicos e agrotóxicos, as inúmeras alterações do relevo como as queimadas e desenfreada expansão urbana, entre vários outros exemplos, provocam ainda mais dores e sofrimentos, violência e exploração àquela que outrora deveria ser cuidada e preservada. Reflete-se hoje, sobre “uma transição, uma verdadeira mudança de Era Geológica, um novo período geológico ao qual se dá o nome de Antropoceno”³⁷.

O paradigma tecnocrático figura como o alicerce para o atual modelo político e econômico predatório. Tal paradigma, perversamente, engendra projetos de poder e concentração de riquezas, visando apenas o lucro e maximização dos ganhos somente para um pequeno grupo em detrimento da maioria da população mundial, gerando desigualdades sociais, miséria e fome. O desenvolvimento do progresso científico e tecnológico, a biotecnologia, a atual e superestimada inteligência artificial, como que, figurativamente, em escala geométrica, configuram-se como grandezas diametralmente opostas, relacionadas a geração de emprego e renda, direito social à água e ao

³³ LD 12.

³⁴ GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato Si’ e Rm 2,28, p. 99-125.

³⁵ GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato si’ e Rm 8,22, p. 119.

³⁶ CNBB, Manual da Campanha da Fraternidade 2025, n. 46, p. 35.

³⁷ CNBB, Manual da Campanha da Fraternidade 2025, n. 126, p. 75.

saneamento básico, garantia da paz entre os povos e nações entre vários outros direitos e garantias de preservação e cuidado com a vida humana³⁸.

Aliado ao paradigma tecnocrático, que impulsiona ainda mais ações descompromissadas com o cuidado com a casa comum e propositalmente espalhadas, de modo avassalador, pelas vias e conexões virtuais, atingindo grande parte da população, estão as chamadas *fake news*. O termo, mesmo em inglês, vem sendo adotado em vários países, tornando-se comumente conhecido e agregado no campo social e no vocabulário popular, mesmo sem necessitar de tradução, visto que se tornou inteligível. A grande maioria da sociedade o utiliza cotidianamente, substituindo até palavras do seu próprio idioma, que expressam o mesmo significado. Grupos que servem às estruturas de poder e de exploração, produzem uma narrativa negacionista provocando equívocos e colocando em questionamento os dados científicos acerca das mudanças climáticas e do real aumento da temperatura do planeta. Como um vírus que se espalha de forma exponencial sobre órgãos e tecidos, assim também as notícias falsas se espalham via *internet*, tornam-se virais, sem controle ou checagem de veracidade, gerando confusão e incertezas, dificultando a conversão ecológica.

Muitos alegam, utilizando “supostos dados científicos”, que o planeta sempre sofreu períodos de resfriamento e de aquecimento. Outros ainda, com intuito de desacreditar os que apresentam os dados do aquecimento global, ao fato de regularmente ainda convivemos com as baixas temperaturas. A verdade, porém, é que esses mesmos grupos e pessoas ignoram que diferente dos ciclos naturais, estamos assistindo um aumento acelerado e vertiginoso de tais fenômenos que agora, ao invés de séculos ou milênios para serem processados, evidenciam-se em espaços menores de tempo e gerações³⁹. De acordo com Francisco: “A falta de informações leva a relacionar erroneamente as grandes projeções climáticas, concernentes a longos períodos – as quais dizem respeito pelo menos a um período de dez anos –, com as previsões meteorológicas, que podem cobrir ao máximo algumas semanas”⁴⁰.

Os grandes e extremos eventos climáticos, as complexas formações das ondas de temperaturas elevadas, enchentes e furacões, atingem de forma avassaladora as cidades e o campo, ceifando vidas, destruindo casas e impactando na economia global em prejuízos de milhões e milhões de dólares. Além disso, também se observa perdas nas lavouras, impactos na criação de animais e produção de alimentos, sofrimento psíquico e abalos na saúde mental dos atingidos. São muitos e graves os impactos das atuais mudanças climáticas⁴¹.

³⁸ LS 109.

³⁹ LD 6.

⁴⁰ LD 8.

⁴¹ CNBB, Manual da Campanha da Fraternidade 2025, n. 33, p. 29.

O fenômeno das atuais grandes migrações, provocadas pela crise socioambiental, geram os migrantes ou refugiados climáticos. Estes, na grande maioria das vezes, fugindo das áreas atingidas e em busca de melhores condições de vida, são impedidos de avançarem as fronteiras sofrendo com o abandono e descaso das nações vizinhas ou mesmo, quando acolhidos, não conseguem a subsistência mínima para sua sobrevivência. Sejam em campos de refugiados ou nas periferias das grandes cidades, os migrantes climáticos vivem em um “limbo social”, amargando um horizonte de incertezas e riscos sociais.

Não restam dúvidas, portanto, que os que são diretamente mais impactados com tamanha crise, causada por uma minoria, são os grupos “mais vulnerabilizados como os povos indígenas, comunidades tradicionais e populações de baixa renda, no campo e nas periferias das cidades”⁴².

A exploração criminosa e indiscriminada dos garimpos clandestinos em conjunto com a derrubada das florestas, promovida pelas madeireiras ilegais, provocam o desmatamento, a poluição e assoreamento dos rios, expulsando os povos indígenas de seus territórios, gerando escassez da pesca e da caça, assim como a sua contaminação pelos metais pesados e o acometimento de doenças como pneumonia e desnutrição. Sem acesso aos direitos básicos de proteção e atendimento pelo sistema de saúde, seja pelas grandes distâncias, seja pela falta de profissionais contratados, os povos originários sofrem juntamente com a mãe-terra. Os genocídios, antes provocados pelas grandes guerras e as crises humanitárias, presentes no passado da história da humanidade, agora são vivenciados em nosso território nacional.

As comunidades tradicionais, em particular do interior da região norte, como as populações ribeirinhas, sucumbem aos males da crise ambiental em razão de dois fenômenos tão extremos entre si: a seca e as enchentes dos rios e igarapés. O aumento da temperatura provoca ciclos de seca e estiagem por períodos de longa duração. Os efeitos imediatamente são sentidos nas duas bases de alimentação elementares da população ribeirinha: a agricultura de subsistência e a pesca nos rios. Sem as chuvas, elemento fundamental para irrigação da terra, a semente não brota, a colheita esperada não prospera e a produção é perdida. Nos rios, o fenômeno natural das vazantes e a estiagem severa, as nascentes secam e as águas não retornam para o seu leito natural. Sem rios, não existe água, não existe pesca, não existe vida. Cidades inteiras ficam isoladas, o comércio entra em colapso, o verde dá lugar ao deserto. Forçados a deixarem suas origens, famílias inteiras iniciam uma verdadeira *via crucis* em direção às periferias das capitais.

Em contrapartida, o tão esperado retorno do período das chuvas, atualmente, tem de modo igual promovido graves estragos ambientais. Com a força das águas,

⁴² CNBB, Manual da Campanha da Fraternidade 2025, n. 29, p. 27.

agravam-se os episódios das terras caídas, eventos naturais das erosões nos barrancos, mas que agora, ameaçam portos e orlas das cidades. As moradias instaladas próximas a essas áreas, chamadas de flutuantes, também sofrem constantes ameaças e inseguranças. Os desmoronamentos das terras criam um forte impacto nas margens dos rios e consequentemente, tais moradias, correm o risco de naufrágio e desabamento. Os rios, tão importantes para a sobrevivência e sendo canais de deslocamento das pessoas e produtos comerciais, agora são transformados em verdadeiros adversários das comunidades. Transbordam invadindo as terras, plantações e moradias. Sem pasto ou áreas de terra firme, as marombas (construções improvisadas para socorros) são insuficientes para acomodar todos os animais. A pesca se torna mais difícil e a fome e a miséria se instalam gerando um quadro desolador.

Os grandes centros urbanos, já atingidos pelos graves problemas sociais e estrangulados com suas próprias mazelas, sofrem diretamente o impacto do grande êxodo dos refugiados e migrantes climáticos. Impedidos de acessarem os serviços básicos de saúde e educação e sem a garantias de seus direitos à moradia e segurança pública, os grupos migratórios são arrastados para as favelas das grandes metrópoles e/ou para as áreas de invasão de terras, na maioria das vezes dominadas pelo narcotráfico, milícia, criminalidade, violência, fome, miséria, prostituição, pobreza extrema, falta de saneamento básico, de educação, de moradia etc. Submetidos às leis de um estado paralelo, reduzem-se as chances de sobrevivência, aumenta-se o assédio moral e cultural, levando a abandonar costumes tradicionais de respeito à natureza e ao próximo, as relações familiares degeneram-se e o ciclo de violência se retroalimenta monstruosamente, com o agigantar da pobreza e desrespeito à vida.

5. O diálogo e a organização geram esperança

Mesmo diante desse quadro inquietante é possível vislumbrar a esperança e encontrar caminhos que apontam em direção às mudanças tão necessárias em prol do cuidado com a casa comum. Apesar das graves consequências da crise ambiental que se multiplicam, faz-se mister um grande *Ajuri*, isto é, o desenvolvimento de “práxis interdisciplinares e multiculturais [...]” articuladas pelo “[...] tecnoc conhecimento, revelados nas concepções de inter e multiculturalidade”⁴³ em vista da superação da crise ecológica, como que em um grande mutirão do bem comum e promovidos por todos, sem exclusão de nada e de ninguém.

Francisco propôs uma “nova solidariedade universal”⁴⁴ que não deve ser reduzida a políticas de intervenção ambiental que não levem em consideração todas as

⁴³ MERIGUETE, I. L. A. V.; DE ARAÚJO, M. I.; DE SOUSA, S. G. A., *Ajuri nas florestas*.

⁴⁴ LS 14.

partes interessadas, em particular, os moradores locais. Propostas como a *Economia de Francisco*⁴⁵ e o *Pacto Educativo Global*, também são ações positivas e que contribuem para uma nova visão político-econômica que tem como núcleo primordial a valorização da vida acima do lucro e do consumismo.

Das variadas e importantes ações que devem contribuir para uma verdadeira conversão ambiental, analisamos três relevantes grupos: os povos originários da Panamazônia e os aborígenes, as redes e as instituições políticas internacionais.

A Amazônia, também chamada Panamazônia, é um extenso território com uma população estimada em 33.600.000 habitantes, dos quais entre 2 e 2,5 milhões são indígenas. Esta área, composta pela bacia do Rio Amazonas e todos os seus afluentes, estende-se por 9 países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Brasil, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. A região amazônica é essencial para a distribuição das chuvas nas regiões da América do Sul e contribui para os grandes movimentos de ar ao redor do planeta; atualmente é a segunda área mais vulnerável do mundo em relação às mudanças climáticas devido a ação direta do homem⁴⁶.

Neste vasto universo multicultural, os povos originários destacam-se pela capacidade de adaptação ao meio ambiente. O conhecimento, gerado e transmitido de geração em geração, constitui tesouro inviolável e rico de saberes que podem e devem ser assumidos em seus grandes aspectos, pela cultura moderna. A procura dos povos originários da Amazônia pela plenitude da vida se realiza no que eles denominam de “bem viver”. “Trata-se de viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, pois existe uma intercomunicação entre todo o cosmos, onde não há exclusão nem excluídos, e onde podemos criar um projeto de vida plena para todos”⁴⁷.

Também as comunidades aborígenes merecem destaque, não sendo tratadas como minoria, mas tornando-se “principais interlocutores” quando se avançam projetos que ameçam seus territórios. Para eles a terra é “dom gratuito de Deus”, fruto da sua bondade e generosidade, e dos antepassados que nela descansam, garantindo sua riqueza ancestral e religiosa, superando assim todo paradigma tecnocrático, que objetiva apenas a exploração como bem de consumo. “Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida [...]”. Porém, em várias partes do globo, sofrem pressionados para que “[...] abandonem suas terras e as deixem livres”⁴⁸ para a

⁴⁵ Para o Brasil a nomenclatura passou a ser: Economia de Francisco e Clara.

⁴⁶ DFSA 6 (Documento Final do Sínodo da Amazônia).

⁴⁷ DFSA 9 (Documento Final do Sínodo da Amazônia).

⁴⁸ LS 146.

exploração e implantação dos projetos do agronegócio assim como especulação pelo latifúndio e devastação de suas florestas.

Além dos povos originários, outros grupos que promovem ações de superação da crise e têm papel fundamental para o desenvolvimento de uma cultura socioambiental que gere uma verdadeira conversão ecológica são as variadas organizações que trabalham em rede. Francisco exalta o valor e a importância dos grupos, ao afirmar:

É louvável a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não-delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais⁴⁹.

As redes surgem no contexto da “crescente consciência” a respeito dos problemas ambientais e da valorização, ao longo dos anos, de importantes conquistas no campo da defesa dos direitos humanos no século XXI. Assim surgiu a REPAM, que desde o ano da sua fundação, em 2014, promove o encontro e a articulação entre “dioceses, prelaças, congregações religiosas e organizações leigas em defesa da vida na Amazônia”, promovendo ações de impacto e sensibilização. Segundo Gonzaga e Santos: “Essas redes atuam de forma integrada com outras redes eclesiais, como a Rede Clamor, Rede Um Grito pela Vida, Caritas Internacional e outras, formando um movimento global para a proteção da Casa Comum”⁵⁰.

Ao buscar “unir forças” com as demais “organizações da sociedade civil” e não governamentais, as redes não só aumentam seu impacto de atuação provocando iniciativas inovadoras como também articulam importantes diálogos que dimensionam novos projetos e favorecimento de programas e políticas sociais. Através do reconhecimento de seus objetivos, as redes têm a excepcional chance de exercerem maior “incidência política, na defesa dos direitos dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, extrativistas, quebradeiras de coco e outros [...]”. A participação da REPAM em “[...] fóruns internacionais como a ONU, o Sínodo Especial para a Amazônia”, realizado em Roma, em 2019, com tema, *Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, certifica que essas redes têm

⁴⁹ LS 38; confira também QA 50.

⁵⁰ GONZAGA, W.; DOS SANTOS, M. I. L., As redes eclesiais como sinais de esperança para a Igreja na América Latina à luz de 1Pd 1,3-5, p. 16.

grande potencial de influência, atingindo “muitas pessoas em nossa sociedade”⁵¹. Uma proposta promissora vem do Documento final do Sínodo para a Amazônia:

Criar um observatório sócio-ambiental pastoral, fortalecendo a luta em defesa da vida. Realizar um diagnóstico do território e de seus conflitos socioambientais em cada Igreja local e regional, para poder assumir uma posição, tomar decisões e defender os direitos dos mais vulneráveis. O Observatório trabalharia em aliança com o CELAM, a CLAR, Caritas, a REPAM, os Episcopados nacionais, as Igrejas locais, as Universidades Católicas, a CIDH, outros atores não eclesiais do continente e representantes dos povos indígenas. Pedimos também que no Dicastério para o Serviço Integral de Desenvolvimento Humano seja criado um escritório amazônico que esteja em relação com este Observatório e as demais instituições amazônicas locais⁵².

Para Francisco é fundamental um comprometimento de todos. “A sociedade, através de organismos não-governamentais e associações intermédias, deve forçar os governos a desenvolver normas, procedimentos e controles mais rigorosos”⁵³. Os cidadãos cobrando de seus representantes políticos em todas as esferas – nacional, regional e municipal –, também são capazes de combaterem as causas da atual crise ambiental.

O Pontífice ainda expressa uma ação de graças a Deus, pela atuação das redes e sua valiosa contribuição, em virtude do lento processo de concretização dos pactos ambientais mundiais. Ele eleva seu pensamento a Deus e rende graças, dizendo:

Graças a Deus, muitos grupos e organizações da sociedade civil ajudam a compensar as debilidades da Comunidade Internacional, a sua falta de coordenação em situações complexas, a sua carência de atenção relativamente a direitos humanos fundamentais e a situações muito críticas de alguns grupos. Assim, adquire uma expressão concreta o princípio da subsidiariedade, que garante a participação e a ação das comunidades e organizações de nível menor, que integram de modo complementar a ação do Estado. Muitas vezes, realizam esforços admiráveis com o pensamento no bem comum, e alguns dos seus membros chegam a cumprir gestos verdadeiramente heróicos que mostram de quanta bondade ainda é capaz a nossa humanidade⁵⁴.

Após oito anos da publicação da Exortação Apostólica *Laudato Si*, é lançado outro documento, a Exortação Apostólica *Laudato Deum*. O Papa Francisco, logo na primeira página apresenta sua indignação: “Com o passar do tempo, entretanto, doume conta de que não estamos reagindo de modo satisfatório, pois este mundo que nos

⁵¹ GONZAGA, W.; DOS SANTOS, M. I. L., As redes eclesiais como sinais de esperança para a Igreja na América Latina à luz de 1Pd 1,3-5, p. 19.

⁵² DFSA 85 (Documento Final do Sínodo da Amazônia).

⁵³ LS 179.

⁵⁴ FT 175.

acolhe está se desfazendo e, talvez, aproximando-se de um ponto de ruptura”⁵⁵. Porém, suas palavras longe de transmitirem pessimismo e tampouco converterem-se em discurso apocalíptico, ao contrário, continuam sendo “a voz que grita no deserto”; são palavras de boas novas do profeta da esperança, daquele que encarna profundamente a missão de não se calar diante das injustiças, de não emudecer perante as forças do egoísmo, de não retroceder diante da morte e da dor.

No capítulo III da *Laudato Deum*, Francisco é ainda mais enfático e firme. Intitulado: “A fragilidade da política internacional”, o texto tem por objetivo expor a infeliz ineficácia dos atuais acordos internacionais, que ao longo de décadas são assinados em solenes audiências; pactos são firmados, ao fim de pomposos encontros mundiais; tratados são realizados e documentos trocados entre os líderes das nações e seus representantes; porém, de forma efetiva pouco ou quase nada tem sido executado. O Papa Francisco lamenta, diante do desperdício de oportunidades, que as crises globais, “a crise financeira de 2007-2008 e a crise pandêmica da Covid-19”, mesmo que aterradoras, proporcionaram a fim de introduzir mudanças salutares, mas o Papa sentencia, que os “poderosos sempre encontram maneira de escapar ilesos”⁵⁶.

Mesmo diante dessa triste realidade e grave constatação, Francisco sempre apontou para o horizonte da esperança, e anunciou: “Para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum”⁵⁷.

A convocação do Pontífice indica e propõe “uma nova rede nas relações internacionais”⁵⁸. Seria uma nova política, uma política melhor, como mencionado acima, sendo capaz de opor-se às forças do paradigma tecnocrático e salvaguardar, assim, as estratégias propostas ao longo das Conferências das Partes (COP), sendo a próxima (COP 30) a realizar-se, neste ano de 2025, na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, Brasil.

Neste contexto, torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre governos nacionais e dotadas de poder de sancionar (LS, n. 175). [...] Mas deveria prever pelo menos a criação de organizações mundiais mais eficazes, dotadas de autoridade para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais.⁵⁹

⁵⁵ LD 2.

⁵⁶ LD 36.

⁵⁷ FT 154.

⁵⁸ FT 126.

⁵⁹ FT 172.

Somente a união e a solidariedade, alicerçadas na ética e na soberania das nações, serão capazes de construir um futuro e apontarem para as necessárias e urgentes medidas para a superação da crise ambiental. Pode-se considerar uma globalização da compaixão, do cuidado com a casa comum, da superação das diferenças e discórdias em razão de maior cooperação entre os povos.

Que a realização da Conferência das Partes – COP 30, na Amazônia seja uma grande oportunidade para o mundo reconhecer a importância da floresta amazônica e seu rico bioma e, concomitantemente, as lutas dos povos e nações que ali residem e resistem. Em suma, que a humanidade se disponha a uma verdadeira e profunda conversão integral e se mantenha acesa a chama da esperança por uma terra sem males.

Conclusão

“Εἰς τὸ εἶναι αὐτοὺς ἀναπολογήτους/*sendo eles, assim, indesculpáveis*” (Rm 1,20b). A afirmação do Apóstolo Paulo, servindo como alerta, continua ainda hoje sendo urgente e necessária, visto que o Criador se revela na Criação, pois ela comporta o *Imprimatur Dei*.

Para o autor da Carta aos Romanos ninguém poderá argumentar em seu próprio favor, com intuito de isentar-se da responsabilidade e fugir das graves consequências, ao alegar ignorância ou pretextar desconhecimento a respeito do Criador e de suas digitais em sua maravilhosa criação, pois é ele mesmo quem, através do seu eterno poder e da sua divindade, dá-se a conhecer exatamente por meio de Sua criação, nossa casa comum.

O Criador tudo colocou nas mãos do ser humano para que bem cuidasse de sua obra. Ao invés disso, a humanidade, vivendo a ruptura do pecado, que produz o egoísmo e cada vez mais a exploração da casa comum, está gradativamente se aproximando de um ponto irreversível. O agir não está para o amanhã, mas para o agora. Ou se muda o estilo de vida individual e comunitário, ou poderá ser tarde para se reverter determinadas situações trágicas causadas pelas mudanças climáticas. Não se trata de pensar em vista do futuro das novas gerações, pois se não houver uma verdadeira revisão no atual modelo socioeconômico, não haverá, nem mesmo, futuras gerações.

As mudanças climáticas já são realidades estabelecidas e compulsórias. O ar que se respira, a água que se consome, os alimentos ingeridos etc., por exemplo, já estão contaminados com microplásticos. A desertificação atempada em áreas anteriormente férteis, o descongelamento progressivo nos polos e cordilheiras, os ciclos das chuvas interrompidos pelas massas de ar quentes, as alterações progressivas no nível dos oceanos. São esses e muitos outros os cenários de alterações em nossa biosfera, que precisam ser acudidos de imediato ou terão consequências irreversíveis.

Mas não nos deixemos confundir, alerta o “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 2Tm 2,7), nem tampouco busquemos arranjar desculpas! Não tenhamos dúvidas, as terríveis enchentes, os avassaladores ciclones, as secas dos rios e as temperaturas extremadas não são “desastres”, pois poderiam ser evitados, e nem sequer “naturais”, pois não são causados pela própria natureza, mas sim pela má intervenção humana. Como em um círculo vicioso, somos também, vítimas das consequências da crise climática, ao mesmo tempo que somos os principais algozes.

Próximo à conclusão desse estudo, o mundo inteiro foi surpreendido com a notícia da morte do Papa Francisco. Na manhã do dia 21 de abril de 2025, o Papa Francisco fez sua Páscoa envolvido na grande celebração Pascal do mestre e Senhor Jesus Cristo. Ele morreu, mas não suas ideias e tampouco seus ideais de salvaguarda da casa comum! Que os ensinamentos de Francisco sejam então cada vez mais acolhidos e disseminados entre todos. Que alcancem a todos e, uma vez efetivados, produzam a concretização da fraternidade universal, da paz, do amor, da justiça, da ecologia integral e do cuidado com a casa comum.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística, 10).

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral – Documento Final do Sínodo da Amazônia (DFSA). Brasília: CNBB, 2019. (Documentos da Igreja, 58).

BARBAGLIO, Giuseppe. **Cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Bíblica, 5).

BARTH, Karl. **Cartas aos Romanos**. São Paulo: Fonte editorial, 2005.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2022.

BRAY, Gerald. **Romanos**. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia. Madrid: Ciudad Nueva, 2000. (Nuevo Testamento, 6).

BRUCE, **Frederick Fyvie**. **Romanos**. Introdução e comentário. 5.ed. São Paulo: Vida Nova / Editora Mundo Cristão, 1991.

CNBB. **Manual da Campanha da Fraternidade 2025**. Brasília: CNBB, 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Gaudium et spes**. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 141-256.

CRANFIELD, Charles E. B. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

CRISÓSTOMO, João. **Comentário às cartas de São Paulo**. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pastrística, 27/1).

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Atualizada por Johan Konings, São Paulo: Paulinas / Loyola, 2015.

DUNN, James Dunn G. **Comentário à Carta de Paulo aos Romanos 1-8**. São Paulo: Acadêmica Cristã / Paulus, 2022.

FITZMYER, Joseph Augustine. A carta aos Romanos. In: BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph Augustine; MURPHY, Roland Edmund. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 515-591.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Deum**. A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. São Paulo: Loyola, 2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica pós sinodal Querida Amazônia**. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Brasília: CNBB, 2020.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. **Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

GONZAGA, Waldecir. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, Waldecir; RAMOS, Diego da Silva; CARVALHO SILVA, Ygor Almeida. O uso de citações, alusões e ecos do Antigo Testamento na Epístola de Paulo aos Romanos. **Kerygma**, v. 15, n. 2, p. 9-31, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n2.p9-31>

GONZAGA, Waldecir. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato Si' e Rm 2,28. **Ephata**, v. 4, n. 1, p. 99-125, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34632/ephata.2022.10885>

GONZAGA, Waldecir; WUST, Diego Artur. O ser humano como esperança da criação: A teologia ecológica de Ioannis Zizioulas à luz de Rm 8, 19-22. **Davar Polissêmica**, v. 17, n. 2, p. 563-583, 2023. DOI: <https://revista.fbmj.edu.br/index.php/davar/index>

GONZAGA, Waldecir; SANTOS, Maria Irene Lopes. As redes eclesiais como sinais de esperança para a Igreja na América Latina à luz de 1 Pd 1, 3-5. **Pesquisas em Humanismo Solidário**, v. 4, n. 4, p. 5-50, 2024. Disponível em: <<http://www.revistaphs.periodikos.com.br/article/675a7638a953952814695bb1/pdf/revistaphs-4-4-5.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GONZAGA, Waldecir. **O Cânon Bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**. Comentário do Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2010.

MERIGUETE, Indramara Lobo de Araújo Vieira; ARAÚJO, Maria Isabel de; SOUSA, Silas Garcia Aquino. Ajuri nas florestas: uma prática real. In: CARTRO, Amando Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Anais do I Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire da Região Norte: Educação Popular em Debate. **Anais**. Universidade do Estado do Amazonas (Manaus). São Leopoldo: Casa Leiria, 2026, p. 23-38. (v.1) Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/80944894.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FERREIRA, Reuberson. O Papa Francisco, a teologia e os teólogos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 30., 2017, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2017. p. 231-240.

MAZZAROLO, Isidoro. **Carta de Paulo aos Romanos: educar para a maturidade e o amor**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2006.

MOO, Douglas J. **Romanos: Comentário exegético**. São Paulo: Vida nova, 2023.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PENNA, Romano. **Carta a los Romanos**. Introducción, versión y comentario. Navarra: Verbo Divino, 2013.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2025v6n11a07

PÉREZ MILLOS, Samuel. **Romanos**. Comentario Exegético al texto grieco del Nuevo Testamento. Barcelona: Clie, 2011.

PERROT, Charles. **Epístola aos Romanos**. São Paulo: Paulinas, 1993. (Coleção Cadernos Bíblicos, 57).

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.

PRATER, Ronald C. **Romanos**: um comentário em diálogos. Brasília: Palavra, 2015.

SANTAMARÍA, Xavier Alegre. **Carta a los Romanos**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012. São Paulo: Shedd Publicações, 2024.

SCHREINER, Thomas R. **O comentário de Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2024.

SPROUL, Robert Charles. **Estudos bíblicos expositivos em Romanos**. São Paulo: Editora Cultura cristã, 2011.

WILCKENS, Ulrich. **La carta a los Romanos Rom 1-5**. Salamanca: Sigueme, 1997. v. 1.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma)
Diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: waldecir@hotmail.com

Marco Antonio Cardoso da Silva

Mestrando em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: thomas-moore30@hotmail.com

Recebido em: 07/05/2025

Aprovado em: 26/06/2025